Dia 9 — São Gregório Nazianzeno, Bispo

São Gregório, por sobrenome o Teólogo, uma das mais brilhantes luminárias da igreja grega, foi filho de um pai e de uma mãe santos, irmão de Santa Gorgônia e de São Cesário, e nasceu em Arianzo, pequena povoação no território de Nazianzo, na província da Capadócia. Seu pai, que também se chamava Gregório, havia sido gentio; mas a virtude, as lágrimas e as exortações de sua mulher, Santa Nona, converteram-no à fé de Cristo tão deveras que, tendo sido batizado por São Leôncio, bispo de Cesareia, mereceu com o tempo ser elevado à dignidade episcopal e depois de sua morte ser contado no número dos santos.

O menino Gregório foi fruto das orações de Santa Nona, que não pedia a Deus um filho senão para consagrá-lo aos altares; assim o recebeu como um presente que lhe fazia o céu, para ser mera depositária dele. Foi correspondente a esta ideia a educação que lhe deu. Parecia ter nascido Gregório somente para a virtude: todos os entretenimentos de sua meninice reduziam-se a exercícios de devoção; sua maior diversão era retirar-se a orar; e o terno amor que quase desde o berço professou à santíssima Virgem podia parecer presságio do que por toda a sua vida conservou à virgindade e à pureza.

Ele mesmo refere que, sendo menino, representaram-se-lhe em sonhos duas formosíssimas e modestíssimas donzelas, que lhe disseram que se chamavam a Castidade e a Temperança; que continuamente assistiam ao trono de Jesus Cristo e eram o principal ornamento de todos os que compunham sua corte; e, dizendo isto, desapareceram. Despertou Gregório e desde então ficou tão enamorado da castidade que jamais admitiu coisa que pudesse manchar nem sequer levemente esta preciosa virtude.

Ao passo que se lhe ia desenvolvendo a razão, ia também crescendo na piedade; e os exemplos domésticos, sobretudo depois da conversão de seu pai, fizeram tanta impressão nele que em nada encontrava gosto senão na oração e na leitura de livros espirituais.

Advertindo seus pais a vivacidade e a extraordinária penetração de seu engenho, com uma admirável disposição para o estudo das letras humanas, enviaram-no a estudar primeiro em Cesareia da Capadócia e depois na Palestina; em todas as partes sobressaiu pela superioridade de seu talento e sua singular virtude.

Era então muito célebre a universidade de Atenas, onde floresciam todas as artes e ciências. Passou a ela nosso Gregório, padecendo na navegação uma furiosa tempestade que o fez olhar já com grande tédio aquela glória pouco sólida e aquela brilhante fortuna que podia prometer-se de sua rara eloquência e de sua grande sabedoria. Concorreu ao mesmo tempo àquela famosa escola

São Basílio; e desde então contraíram os dois santos uma estreita amizade que conservaram toda a vida. Distinguiram-se ambos entre todos por seu engenho e pelo regramento de seus costumes, que se fazia reparar mais em meio da dissolução que reinava na cidade. Achava-se então estudando na mesma universidade Juliano Apóstata, primo do imperador Constâncio e, movido do muito que ouvia falar dos santos, teve com eles algumas conversações. Solicitou a amizade de ambos; mas não pôde enganar sua religião nem sua penetração: por mais que procurou dissimular as perniciosas máximas de que já estava imbuído, descobriu São Gregório a desordem daquele coração e daquele entendimento pela descompostura de suas ações; e, ao despedir-se dele em certo dia, exclamou: «Que monstro abriga em seu seio o império romano!»

Tendo-se retirado de Atenas São Basílio, não pôde Gregório deter-se ali longo tempo: ao cabo de um ano retirou-se também, apesar das instâncias que fizeram para detê-lo os que tanto o amavam e estimavam. Chegando a Nazianzo, recebeu o batismo da mão de seu pai, que já era bispo daquela cidade. Sentiu-se alumiado com o sacramento de uma nova luz, a cujo favor distinguiu o falso brilho do mundo da verdadeira e sólida glória que só se acha na virtude, e resolveu trabalhar unicamente para ganhar o céu.

«Tudo dei, diz o santo, àquele de quem tudo recebi e que me recebeu a mim; consagrei-lhe meus bens, minha saúde e o talento para pregar que se serviu conceder-me. A única utilidade que pretendi tirar destes benefícios é poder fazer-lhe um eterno sacrifício deles e ter algo com que acreditar que para mim tudo é nada a respeito de Jesus Cristo, que daqui em diante me servirá de tudo.»

Ao desgosto do mundo seguiu-se o desejo da solidão; e o exemplo de seu grande amigo São Basílio, que já se havia retirado ao Ponto, o teria desde logo atraído para lá, se não o tivesse detido em Nazianzo a muita ancianidade de seus pais. Mas o ruído e o tumulto dos cuidados domésticos obrigaram-no logo a arrepender-se de sua condescendência; e, acusando-se a si mesmo de haver dado demasiadamente ouvidos às vozes da carne e sangue, rompeu os laços que o detinham e escapou ao deserto do Ponto, onde se reuniu com seu amigo, que já se havia estabelecido na solidão que devia ser-lhes comum.

Nenhum anacoreta os excedeu na velocidade com que corriam pelo caminho da perfeição; seu fervor não reconhecia limites; a penitência de ambos chegou a ser excessiva. Ao rigor dos jejuns, dos cilícios, dos ralos, dos sacos ou capotilhos de crina e de outras cem invenções para macerar a carne, tardaram pouco em converter-se de dois homens em dois esqueletos. Às vigílias, à oração e ao estudo da sagrada Escritura seguia-se imediatamente o trabalho corporal, e ao trabalho corporal voltava a seguir-se a oração. Fomentava-se a virtude dos dois com seus recíprocos exemplos, quando um acidente imprevisto turbou o doce repouso de seu retiro.

Enganado o santo velho bispo de Nazianzo pela artificiosa sagacidade dos arianos, assinou, como o fizeram outros prelados, o capcioso formulário de Rímini, que em termos equívocos continha um puro arianismo. Informados disto os monges de Nazianzo, não quiseram comunicar com seu bispo, e todos os católicos seguiram o exemplo dos monges. Em meio do grande amor que nosso Gregório tinha à solidão, mal chegou à sua notícia esta divisão, voou a remediá-la. Descobriu logo ao bom velho o laço que lhe haviam armado os hereges e, voltando a unir o pastor com as ovelhas,

teve a consolação de vê-lo abjurar um erro em que havia caído puramente por engano.

Aproveitou-se seu pai da detenção que nesta ocasião fez Gregório em Nazianzo; e, considerando o grande bem que se seguiria à Igreja se um sujeito daquele mérito e daquela virtude fosse elevado à dignidade do sacerdócio, resolveu conferir-lhe as sagradas ordens. Sobressaltou-se o santo ao ouvir esta proposição, estremecendo-o a consideração de um estado tão sublime; mas teve de render-se à vista de uma vocação tão manifesta. Ordenou-se presbítero no dia 6 de janeiro do ano de 362; aumentou-se seu fervor com o novo caráter e, dominando-o sempre o amor à solidão, voltou a fugir secretamente ao Ponto e foi em direitura buscar seu amado Basílio. Mas durou pouco este segundo retiro; porque a extremada ancianidade de seu pai, que passava já de 90 anos, as necessidades da igreja de Nazianzo, que clamava por ele, e os conselhos de seu santo amigo Basílio o obrigaram a restituir-se à cidade depois de dois meses e meio de ausência. Deu-se a conhecer aos fiéis no dia de Páscoa pelo primeiro sermão que pregou nela; e, como mal terá havido pregador mais poderoso em obras e em palavras que nosso santo, pregou com tanta energia, com tanta moção e com tanto fruto que desde então foi conhecido e apelidado o apóstolo de Nazianzo.

Não se limitou seu zelo à pregação. Perseguia já então furiosamente Juliano Apóstata a Igreja e havia proibido aos cristãos que ensinassem as letras humanas, para impedir por este meio à juventude de estudá-las ou obrigá-la a aprendê-las de mestres gentios. Mas Gregório soube burlar este artifício, compondo um grande número de poesias piedosas, que indenizaram vantajosamente os cristãos da perda de suas escolas.

Por este tempo, achando-se já São Basílio arcebispo de Cesareia e conhecendo melhor que qualquer outro o extraordinário mérito de nosso santo, resolveu elevá-lo à dignidade episcopal apesar de sua invencível repugnância. Foi consagrado em Cesareia pelo mesmo São Basílio no ano de 372, destinando-o para a igreja de Sásima, mas nunca tomou posse dela; e, como o bispo de Nazianzo não pudesse já atender às funções de seu ministério por sua grande ancianidade, pediu a Gregório que cuidasse de sua igreja. Fê-lo com aquela atividade que se devia esperar de seu zelo, logrando por fruto dele a reforma geral dos costumes; tanto que em menos de seis meses mudou de semblante toda a cidade.

Tendo morrido seu pai e sua mãe, Santa Nona, cuja oração fúnebre pregou o mesmo Gregório em presença de São Basílio e de todo o clero, renovaram-se-lhe as ânsias por sua amada solidão; mas, não podendo negar-se às necessidades daquela aflita igreja, tomou a seu cargo o cuidado dela, não como bispo titular, mas como vigário e forasteiro, protestando ele mesmo que não se encarregava do rebanho senão esperando o pastor legítimo. Com efeito, como visse que os bispos da província se davam pouca pressa em prover de prelado aquela igreja, desapareceu de repente e retirou-se a Selêucia da Isáuria, onde se encerrou no mosteiro de Santa Tecla e viveu seis anos nele desconhecido, ocupando-se unicamente em exercícios de oração e de penitência.

Morreu São Basílio no ano de 379; e esta morte o confirmou na resolução que havia tomado de não sair jamais de seu retiro; mas poucos meses depois o arrancou dele a necessidade de socorrer a igreja de Constantinopla, tão desolada pelos arianos que já não tinham os católicos igreja alguma naquela corte imperial. Achava-se vacante aquela primeira cadeira, e todos convinham em que

somente Gregório era digno de ocupá-la: a dificuldade estava em achar modo de tirá-lo de sua amada solidão, onde tanto as calúnias como as perseguições que havia padecido em outras partes lhe faziam dulcíssima aquela vida particular, santa e tranquila; mas souberam pintar-lhe com tanta viveza o lamentável estado a que se achavam reduzidos os pobres católicos e dissimular-lhe com tanto cuidado o ânimo que tinham de colocá-lo naquela grande cadeira que por fim se determinou a fazer o doloroso sacrifício de sua tranquilidade; e, ainda que acabrunhado com a velhice, consumido com a penitência e cheio de penosos achaques, passou a Constantinopla.

«Era sem dúvida um espetáculo bem novo, diz nosso santo, ver um homem desconhecido, de má figura, pequeno de corpo, calvo, enrugado, consumido com as lágrimas e com a penitência, sem equipagem, sem cortesia, sem apoio, pobre e mal vestido, vir ele só a declarar a guerra à heresia na capital do Oriente, onde reinava com insolência e com segurança e onde se havia feito forte pela união de todas as seitas.»

Apenas entrou São Gregório em Constantinopla, todos os hereges se sobressaltaram. Armaram-se contra ele os arianos, os novacianos, os macedônios, os apolinaristas e os eunomianos, jurando todos perdê-lo. Valeram-se no princípio de injúrias, calúnias, sátiras denigrativas e malignas com que procuraram manchar sua reputação. Amotinaram o povo, especialmente as mulheres e as donzelas, contra aquele homem estrangeiro, persuadindo-as de que era um monstro dissimulado, estragador dos costumes, mago e até idólatra; citaram-no ante os tribunais seculares, e não poucas vezes nas próprias ruas o perseguiam a pedradas. Nosso santo a tudo isto não opunha mais que a paciência, a modéstia e a doçura. Como os arianos estavam de posse de todas as igrejas de Constantinopla, Gregório reunia os católicos na casa onde se hospedava, a qual se chamou depois Anastásia, que quer dizer ressurreição da fé, e foi com o tempo uma das mais célebres igrejas daquela corte imperial.

Por fim seu heroico sofrimento e seus modos atentos, suaves e apacíveis foram abrandando pouco a pouco os ânimos dos hereges. Concorriam a ouvi-lo até os próprios gentios, no princípio por curiosidade e depois com tanta admiração e gosto que voltavam a suas casas meio católicos. Por isso o célebre Rufino, falando de nosso santo, diz que o mundo não viu homem mais eloquente nem eloquência mais nobre, mais persuasiva nem mais enérgica que a sua; tendo-se reconhecido sempre sua doutrina tão pura que o mesmo era opor-se a ela que fazer-se suspeito na fé.

Ao eco do que espalhava a fama concorreram a Constantinopla para vê-lo e tratá-lo muitas pessoas de distinção de diferentes províncias, sendo uma delas São Jerônimo, que não ficou menos admirado de sua eminente virtude e de sua rara modéstia que de sua eloquência e profunda erudição.

Entretanto ia crescendo cada dia o número dos católicos; porque nas disputas, conversações e conferências com os arianos fazia cada dia novas conquistas. À vista de tantas maravilhas resolveu o patriarca de Alexandria, com os demais bispos, colocar na cadeira de Constantinopla nosso santo; o que se executou, apesar de sua repugnância, com geral aplauso do clero e de todo o povo. Foi extraordinário o júbilo em toda a cidade; mas o turbou logo a artificiosa ambição do mais insigne embusteiro que talvez tenha visto o mundo.

Certo homem chamado Máximo, por sobrenome o Cínico, habilíssimo na arte de fingir e de enganar, depois de haver vagueado por diferentes províncias, deixando em todas elas muitos sinais de seus delitos, pelos quais havia sido castigado, veio finalmente a fazer-se discípulo de nosso santo e em pouco tempo soube ganhar sua estima e confiança com seus artifícios e com sua refinada simulação. Este mau homem forjou o projeto de suplantar Gregório; e, tendo tido arte para conseguir uma grande soma de dinheiro que lhe emprestaram, subornou com ele muitos dos mesmos que no princípio haviam mostrado mais inclinação e mais zelo por nosso santo. Logrou corromper até o próprio patriarca de Alexandria, o qual, com uma cabala de bispos do Egito já conjurados, aproveitou a conjuntura de uma enfermidade de Gregório para ordenar furtivamente Máximo. Amotinou-se toda a cidade ao ruído deste atentado; e Gregório, penetrado de uma viva dor e prevendo o que podia suceder, resolveu nos princípios retirar-se, por não ser ocasião de novas turbações a uma igreja que tão felizmente havia restituído a seu antigo esplendor e tranquilidade. Subiu ao púlpito em meio de sua indisposição para despedir-se de seu povo; mas este levantou até o céu um clamoroso alarido, pedindo-lhe com rogos e com lágrimas que não o desamparasse e, como não quisesse consentir facilmente, puseram-lhe guardas de vista.

Expulso de Constantinopla, como merecia, o embusteiro cínico, e carregado com a maldição de todos, teve não obstante o descaro de ir lançar-se aos pés do imperador Teodósio, acompanhando-o aquele punhado de bispos egípcios que o haviam ordenado. Achava-se o imperador em Tessalônica; pediu-lhe Máximo sua proteção contra Gregório; mas o religioso príncipe não se dignou nem sequer escutá-lo; e, voltado a Constantinopla, não reconheceu a outro por legítimo pastor que a nosso santo, honrando-o com todas as mostras de sua estima e de sua benevolência. Pô-lo na posse de todas as igrejas que haviam ocupado os arianos; mandou que se lhe restituíssem as rendas que haviam usurpado estes hereges e fê-lo dono do palácio episcopal. Instaram o santo para que fizesse pesquisas a fim de descobrir os bens que lhe haviam ocultado, mas não foi possível vencê-lo: desinteresse generoso que fechou a boca a seus êmulos e edificou toda a Igreja. Mas nem esta moderação foi bastante para que mais de uma vez não conspirassem contra sua vida; mas sua presença desarmou os assassinos, e não somente os perdoou, mas os converteu, sendo esta a única vingança que tomou deles.

Não se deu por vencido o partido de Máximo; e, como não cessasse de inquietar e de perturbar a Igreja, consentiu o imperador em que se convocasse em Constantinopla um concílio, que foi o segundo geral, composto de 150 bispos. Confirmou-se nele a fé do concílio Niceno; Máximo foi declarado intruso, e o concílio e o imperador reconheceram solenemente Gregório por bispo de Constantinopla; em virtude disto foi pela segunda vez colocado em sua cadeira, com a maior aclamação do povo, por São Melécio de Antioquia, presidente do concílio. Por mais que o santo expôs mil razões, valendo-se de rogos e de lágrimas para que o exonerassem daquela pesada carga, não foi ouvido; porque se atendeu mais às necessidades daquela igreja e aos clamores dos bons que a sua extrema repugnância.

Morto pouco tempo depois São Melécio, ficou Gregório por presidente do concílio. Esta nova preeminência, que não se lhe podia disputar, renovou a emulação de muitos prelados, os quais, afetando ignorar que São Gregório não havia tomado posse do bispado de Sásima e que só havia cuidado do de Nazianzo como governador e não como bispo titular, queixaram-se de que o tivessem feito patriarca de Constantinopla contra a disposição dos cânones, visto que já era bispo

de outra igreja. Era fácil provar o contrário; mas, como o santo unicamente suspirava pelo retiro, sendo inimigo de todas as grandezas, tomou ocasião destas contestações para pedir que se lhe permitisse fazer demissão da sua. Entrou, pois, no concílio e declarou a ânsia com que desejava contribuir para a paz e que, pois sua eleição parecia que a turbava, estava pronto, como outro Jonas, a que o lançassem ao mar para sossegar a tempestade, ainda que não a havia excitado. Ficaram atônitos todos os bispos ao ouvir uma proposição tão inesperada; mas o santo falou em favor de sua demissão com tanta eloquência e soube persuadir tão eficazmente que por fim conseguiu o que pretendia. Gozosíssimo de ver-se exonerado de tão pesada carga, saiu da sessão e, antes de dar tempo a que os bispos se arrependessem, foi direto ao palácio do imperador e, expondo-lhe sua avançada idade e seus achaques, suplicou-lhe que se dignasse não opor-se a seu retiro. Não foi fácil mover o imperador a dar seu consentimento; mas por fim o deu unicamente em atenção a seus achaques. Não perdeu tempo Gregório; despediu-se do concílio por um admirável discurso que pronunciou na catedral em presença dos padres, os quais, arrependidos já de seu consentimento, pensavam em retratar-se; mas o santo os preveniu e, sem deter-se, saiu de Constantinopla e retirou-se à Capadócia.

Estando em Nazianzo, publicou seu testamento, que havia ordenado em Constantinopla antes de fazer a demissão; era sua data do dia último de dezembro do ano de 381 e estava firmado por sete bispos; sendo este o documento mais antigo, ou ao menos o mais autêntico desta espécie que nos deixou a antiguidade. O principal legado é em favor dos pobres de Nazianzo, a quem deixa por seus herdeiros, e nomeia um de seus diáconos, chamado Gregório, seu executor testamentário. Suplica a seus sobrinhos e aos demais parentes seus que não levem a mal que deixe seus bens aos pobres; porque um eclesiástico, diz, não deve ter outros herdeiros.

Nem em seu fervor nem em seu zelo se reconheceu jamais a força de seus contínuos achaques. Na curta mansão que fez em Nazianzo, purgou a cidade dos erros dos apolinaristas; e, tendo-se-lhe aumentado suas doenças, trasladou-se a Arianzo, lugar de seu nascimento. Nesta doce solidão, retirado do ruído dos negócios e livre das tempestades que por toda a vida o haviam agitado, pensava unicamente em aperfeiçoar-se mais e mais, entregue totalmente a exercícios de devoção e de rigorosa penitência. E, ainda que acabrunhado com a velhice, extenuado com os jejuns e consumido com os trabalhos, permitiu Deus, para sua maior purificação, que no fim de sua vida fosse exercitado com violentas tentações, as quais, ao mesmo tempo que o humilhavam e o faziam gemer continuamente, o obrigavam a dobrar a oração e as penitências.

Não esteve ocioso em seu retiro de Arianzo. Nele compôs aquele grande número de poesias cristãs que publicou para opô-las às obras cultas, eloquentes e enganosas de que enchiam o mundo os hereges, logrando por este meio que os fiéis pusessem de lado os livros perniciosos. Também escreveu então em verso a história de sua vida, concluindo-a com um compêndio dos principais sucessos dela, e quer que este epílogo lhe sirva de epitáfio.

«De onde nasce, Senhor (exclama o santo), que, ao passo que o vigor do corpo se vai extinguindo, sinto que se vai avivando o fogo das paixões e os estímulos da carne? Minha vida reduziu-se a uma série de tempestades, de contradições e de combates; mas em todos me sustentastes vós por vossa grande misericórdia. Logrei por pai um homem todo de Deus e tive por mãe uma mulher santa que, olhando-me como fruto de suas orações, me ofereceu e me consagrou a vós desde o

berço. Sendo menino, inspirastes-me num sonho o amor à castidade; e desde então não cessastes de cumular-me de favores. Fiz-vos sacrifício de meus bens, de minha honra, de minha saúde e de minha vida. Fui pastor sem ovelhas e não tive pouco que padecer até dos próprios pastores. Esta tem sido a vida de Gregório. Deixo a Jesus Cristo o cuidado do futuro, como o teve do passado.» E conclui assim: «*Exprimat ista lapis:* grave-se isto por epitáfio sobre a pedra de minha sepultura.»

Começava Gregório a gozar as delícias da solidão quando quis o Senhor coroar sua perseverança e premiar seus trabalhos. Acabou ditosamente seus dias, sendo de idade de quase 80 anos, que viveu na inocência, no sofrimento, na piedade e em exercícios de rigorosa penitência. Os milagres que fez em vida e os que continuou o Senhor em sua sepultura depois de morto fizeram célebre seu culto em todo o Oriente. Foi enterrado em Nazianzo, mas depois foi trasladado seu corpo a Constantinopla, no tempo do imperador Porfirogêneta [^1], e colocado com grande solenidade na igreja dos doze Apóstolos. Na decadência do império grego foi conduzido o santo corpo a Roma, onde esteve na igreja das religiosas gregas até o ano de 1580, em que o papa Gregório XIII trasladou por si mesmo suas relíquias, com grande pompa e solenidade, à magnífica capela que em honra do santo havia mandado edificar a suas expensas.

Martirológio Romano

Em Nazianzo, São Gregório, bispo, chamado o Teólogo por causa de seu profundo conhecimento das coisas divinas; restabeleceu em Constantinopla a fé católica, que estava quase inteiramente destruída, e sufocou as heresias nascentes.

Em Roma, São Hermes, de quem fala São Paulo na carta aos Romanos, o qual, sacrificando-se a si mesmo e fazendo-se uma hóstia agradável a Deus, entrou no reino dos céus resplandecente com a glória de suas virtudes.

Na Pérsia, trezentos e dez bem-aventurados mártires.

Em Cagli, sobre a via Flamínia, São Geroncio, bispo de Cervia.

Em Vendôme, São Beato, confessor.

Em Constantinopla, a trasladação dos corpos de Santo André, apóstolo, e de São Lucas, evangelista, trazidos da Acaia, e de São Timóteo, discípulo do apóstolo São Paulo, trazido de Éfeso. Muito tempo depois, o corpo de Santo André foi trasladado a Amalfi, onde é honrado com a concorrência e piedade dos fiéis. De seu sepulcro mana continuamente um licor milagroso que cura as enfermidades.

Também em Roma, a trasladação do corpo de São Jerônimo, presbítero e doutor da Igreja, trazido de Belém de Judá à igreja de Santa Maria Maior.

Em Bari, a trasladação de São Nicolau, bispo, cujo corpo foi trazido de Mira, cidade da Lícia.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui populo tuo æternæ salutis beatum Gregorium ministrum tribuisti; præsta, quæsumus, ut quem doctorem vitæ habuimus in terris, intercessorem habere mereamur in cælis. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que concedestes a vosso povo por ministro de sua eterna salvação o bem-aventurado Gregório, fazei que mereçamos ter por intercessor no céu aquele que logramos por mestre nosso na terra. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é da segunda do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 4.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de

ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«A última vez que São Paulo esteve no cárcere, escreveu esta segunda carta a seu amado discípulo Timóteo, que se achava então na Ásia. O intento que teve ao escrevê-la não foi só chamá-lo a Roma, mas exortá-lo de novo a que cumprisse todas as obrigações de bispo. E, como o apóstolo estava então perto da morte e em vésperas de seu martírio, chama São João Crisóstomo a esta epístola o testamento de São Paulo.»

Reflexões

Virá tempo em que os homens não darão ouvidos à sã doutrina; antes, levados de curiosidade, buscarão mestres sobre mestres que lhes falem à medida de seu gosto; e, apartando a atenção da verdade, a converterão toda às fábulas. Em matéria de religião, os erros do entendimento ordinariamente nascem da desordem do coração. A fé sempre se ressente das enfermidades da alma; desde que se deixa de viver bem, começa-se a não crer com rendimento: não há paixão que não cegue. Traga-se à memória o princípio de todas as heresias e achar-se-á que a cegueira foi efeito da corrupção dos costumes. As vozes sempre são de reforma, porque não houve heresiarca que não tenha gritado contra a relaxação e que não tenha aparecido com sua máscara de penitência; mas sempre se viram por fruto da nova seita as mais vergonhosas desordens. A este precipício conduz o desgosto da sã doutrina; e este desgosto é o primeiro sintoma de um coração corrompido. Uma curiosidade orgulhosa excita o apetite; mas um apetite depravado não acha gosto senão em alimentos nocivos. Acham-se porventura muitos daqueles que estão encaprichados e preocupados de algum erro que solicitem com sinceridade instruir-se e desenganar-se? Os enfermos desta espécie não pretendem curar-se, mas confirmar-se na aprensão de que estão bons. Buscam mestres, diz o Apóstolo, mas para que lhes falem à medida de seu gosto; sinal visível de que o coração é o primeiro móvel. Uma vez que domina a paixão, não se busca a verdade, mas pretextos para autorizar o erro. Ao que vai extraviado tanto lhe importa ir pela esquerda como pela direita; e como se endireitará, se ele mesmo está contente com seu extravio? Por mais que se lhe grite que errou, que não é aquele o caminho real, ou não ouve ou faz como quem não entende. De onde nascerá esta indocilidade de nosso orgulho? Volta-se toda a atenção às fábulas: é certo que estas lisonjeiam, que agradam, que embelesam; mas deixam por isso de ser fábulas? Ó meu Deus! Que se vai ganhar em ser o joguete e a vítima do amor-próprio e das paixões? Pique-nos em boa hora a curiosidade; mas seja por saber a ciência dos santos: qualquer outra é bem pouco necessária para a salvação; e a que não serve para isto é bem inútil. Só temos necessidade de um mestre; e só Jesus Cristo tem palavras de vida eterna. No Evangelho

encontramos todas as lições de que havemos mister; os santos são os modelos que devemos imitar. Não é loucura deixar este caminho para seguir sendas que nos desviam do termo? Parece que queremos fazer-nos artífices de nossa própria salvação, pois buscamos caminhos distintos dos que Cristo nos assinalou. Desde que não se pode sofrer a sã doutrina, logo forja cada um um evangelho a gosto de suas paixões e de seus desejos; mas qual será o fruto deste novo evangelho? A indocilidade, o orgulho, a obstinação e o que a isto se segue: a reprovação eterna.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. 17 Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. 18 Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. 19 Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Do escândalo que se dá com a perseverança nas faltas

Primeiro ponto

Considera o que aqui se entende por escândalo, que é uma ação menos regrada que se vê executar a pessoas das mesmas obrigações, que deveriam dar-nos exemplo. Que conduta mais lastimosa! Vamos cometer uma falta e persuadimo-nos de que podemos cometer outra semelhante sem fazer-nos repreensíveis, por quanto não somos nós os que damos o mau exemplo, mas os que o seguimos. Desde quando as faltas dos outros escusam ou autorizam as nossas? Nunca prescreve o quebrantamento da lei divina. Quanto mais distinta é uma pessoa por seu nascimento, por seu emprego e pelo conceito que se tem de sua virtude, mais escandalosas são suas faltas. Que fraqueza deixar-se arrastar das fraquezas de outro!

Aquela pessoa que está reputada por virtuosa dispensa-se sem escrúpulo em certas obrigações, toma tal liberdade, comete tal e tal falta; por que não poderei eu fazer o mesmo? Eu não me sinto com forças para aspirar a mais alta santidade; tenho aquele por mais virtuoso que eu; pois por que não poderei seguir seu exemplo?

Aqueles sujeitos tão respeitáveis por sua idade, por seu mérito e por seu bom proceder assistem aos espetáculos; não faltam em concorrência alguma de gosto e de diversão; têm um desembaraço, uns modos não somente desenvoltos, mas bastante livres; deixam-se levar algumas vezes da corrente e escrupulizam pouco em acomodar-se às máximas e às leis do mundo. Estão acaso persuadidos de que arriscam sua salvação com esta vida menos austera e pouco regular? Terão menos vontade de salvar-se que eu? Acho-me no mesmo estado, com as mesmas obrigações e constituído na mesma classe: se não me conformasse com sua conduta, isto seria repreendê-las tacitamente; estas singularidades qualificam-se de censuras, e no comércio da vida não há coisa mais odiosa que o ter a um homem por censor. É possível que uns raciocínios tão infelizes e tão lastimosos pretendam ser regra dos costumes! Jesus Cristo condena esses espetáculos, essas máximas do mundo, essas diversões pouco cristãs; pois que homem é capaz de autorizá-las? Nem que mérito pode comunicar a estes pecados essa imaginária reputação dos homens? *Se baixasse um anjo do céu,* dizia São Paulo, *e vos anunciasse outro evangelho que o que eu vos anuncio, seria anatematizado.* Eu acrescento: se baixasse um anjo do céu e procedesse segundo as máximas que condena o Evangelho, deveríeis guardar-vos bem de imitá-lo. Não reconhecemos outro mestre nem tampouco outro modelo que Jesus Cristo. Os maus exemplos bem podem dar-nos alento, mas nunca poderão justificar-nos. O Senhor nunca nos pôs os homens por modelo; e só nos disse: *Sede perfeitos como o é vosso Pai celestial.* Nem sequer dos mesmos que nos ensinam mandou que imitássemos os exemplos; antes expressamente nos preveniu: *Fazei o que vos disserem, mas não façais sempre conforme as suas obras.* À vista disto, quem pretenderá já autorizar, ou ao menos escusar, suas faltas com as de outros? Meu Deus, que confusão e que arrependimento nos causará isto algum dia!

Segundo ponto

Considera que não há coisa mais fora de razão nem mais lastimosa que pretender escusar as faltas próprias com o exemplo das alheias. Pois quê, porque outro, que tem as mesmas obrigações que eu, falte a elas, tenho eu direito para faltar às minhas sem incorrer em pena alguma? Porque me deem mau exemplo os que deveriam dar-mo bom, já me é lícito imitá-los? Discorremos desta maneira quando se trata da vida, da fazenda e da honra? Pois em que consiste esta diferença?

Uma pessoa respeitável por seus anos, por seu talento e por seus empregos comete um desacerto e perde a graça do príncipe; por que não farão o mesmo seus adoradores e seus partidários? O exemplo de um homem tão acreditado os autoriza. Arruinou-se um amigo por haver abraçado tal partido ou por haver entrado em tal negócio; pois por que os demais não seguem o mesmo rumo? Ainda que destruam suas casas, já não têm esse exemplo com que cobrir-se? Mas, enquanto chora e geme a pobre família, será boa escusa dizer: fulano e fulano, homens de juízo e prudentes, se arruinaram entrando em tal negócio; por que não pude eu fazer o mesmo? Ah, Deus meu! É possível que os homens somente discorram mal quando se trata da salvação? Conhece-se a necedade deste modo de discorrer quando se atravessa a saúde, a honra ou a fazenda; e só quando se atravessa a lei de Deus se discorre extravagantemente com a maior tranquilidade.

O mau sempre é mau; e aquilo que está proibido quando os demais não me dão mau exemplo igualmente o está, ainda que me deem os mais perniciosos. Infunde porventura algum mérito na infração da lei a reputação nem a idade do que a quebrantou? E será legítima escusa no tribunal de Deus dizer: não cumpri tal obrigação, faltei à observância de tal regra, porque fulano e sicrano, que eram tão religiosos como eu, me deram mau exemplo? Move a indignação só o ouvir semelhante necedade; e no meio disso este é um escolho em que se faz em pedaços a virtude da maior parte dos jovens.

Quanto tenho, Senhor, de que acusar-me, de que confundir-me neste ponto! Quantas vezes pretendi cobrir minha fragilidade e minha ingratidão para convosco com o exemplo dos outros! Efeito é de vossa graça a dor que agora sinto de havê-lo feito assim; dignai-vos, Deus meu, acabar esta vossa obra; resolvido estou, mediante vossa divina graça, a não deixar-me arrastar mais do mau exemplo; dai-me alento e fortaleza para cumpri-lo.

Jaculatórias

> *Da mihi in animo constantiam, ut contemnam; et virtutem, ut evertam.* Jt 9.

Dai-me, Senhor, constância para desprezar o mau exemplo e fortaleza para suplantá-lo.

> *Custodi me a laqueo, quem statuerunt mihi.* Sl 140.

Livrai-me, Senhor, dos laços que me armam com os maus exemplos que me dão.

Propósitos

1. Se um homem tido por capaz e por sujeito de bons costumes tomasse veneno, teria muitos imitadores? Seria isto bastante para escusar a loucura ou o desespero dos que fizessem o mesmo? Basta proferir esta proposição para conhecer seu ridículo e sua extravagância. E será menos imprudência pretender cobrir a relaxação com o mau exemplo? Lembra-te de que não tens outra regra para teu governo que os mandamentos da lei de Deus, os da santa madre Igreja e o Evangelho, nem deves imitar outro exemplo que o de Jesus Cristo e seus santos. Estima e honra a todo o mundo, mas não sigas o exemplo de todos. As pessoas mais virtuosas têm suas faltas e, enquanto vivem, podem perverter-se: imita suas virtudes, mas a nenhum hás de tomar por universal modelo. Judas, Tertuliano e Orígenes foram bons por algum tempo, e Salomão também foi sábio. Atém-te às máximas do Evangelho e aos exemplos dos santos; nem penses jamais em autorizar tua relaxação com a de outros.

2. É muito louvável escusar as faltas de nossos irmãos; mas a ação viciosa sempre é repreensível; e a caridade cristã que nos obriga a escusar o pecador nos obriga também a desaprovar o pecado. Sobre este princípio hás de fazer sempre distinção entre a pessoa e suas imperfeições; respeita aquela, mas trata com desprezo estas. É preciso que haja escândalos; mas desventurado daquele por quem o escândalo vem [^2]. Está sempre alerta contra os artifícios do inimigo e contra as enganosas solicitações do amor-próprio: olha como uma tentação muda, mas muito perigosa, a relaxação das pessoas que te pareciam observantes e ajustadas. Ainda é muito conveniente prevenir disto com tempo a gente moça: os remédios preservativos são muito importantes, e assim se lhes deve precaver contra estes laços que estão estendidos e armados por todas as partes. As almas ternas e, por assim dizer, novinhas que entram no mundo com as mais belas disposições para a virtude dificilmente se defendem do contágio à vista dos maus exemplos; e os que se criam em religião logo dão ao través se deferem demasiado à relaxação daqueles cujo mérito, idade e empregos os fazem homens de distinção. *In lege quid scriptum est? quomodo legis?* Que diz a lei? Esta deve ser a regra imutável de nossas operações; os exemplos dos santos, as máximas de Jesus Cristo, seu sagrado Evangelho. Atém-te ao que está escrito.

[^1]: O OCR traz «Porfirogeneles»; corrige-se para «Porfirogêneta», epíteto de vários imperadores bizantinos (aqui, aparentemente, Constantino Porfirogêneta). [^2]: Mt 18,7. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota aparece deslocado, no início do dia 10, como «(1) Matth. 18».

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:58 by Admin